

As transformações do território, a dimensão digital e a comunicação: a contribuição de Milton Santos para a análise dos usos dos espaços¹

Lucio Pereira Mello²
Universidade de Brasília UnB – UnB

Resumo

A dimensão territorial tem se alterado desde 1970 quando aparelhos cibernéticos começam a alterar as dinâmicas sócio-espaciais. Com uma contextualização da evolução epistemológica do conceito território, avaliamos como aspectos da comunicação foram gradualmente sendo incorporados a dimensão espacial. Focamos em especial na contribuição de Milton Santos, que, com a noção de meio técnico científico informacional, oferece uma importante chave de análise para compreender o espaço pelo viés da comunicação. Terminamos por sinalizar que mais que uma forma de compreensão Milton Santos oferece ainda um método, por meio das análises dos usos dos territórios, para uma analítica da comunicação em que se tenha presente a dimensão espacial.

Palavra-chave: Território Usado; midatização algorítmica; meio técnico científico informacional; Milton Santos

Na década de 1970 Milton Santos buscou compreender como aparelhos cibernéticos e de comunicação digitais estavam transformando a dimensão espacial de forma desigual. Tais transformações foram acompanhadas por um transbordamento de um conceito da geografia para outros campos. Ao final dos anos 1970 e início dos anos 1980, Marc Augé demonstrará em *Não Lugares* (1994) como shopping centers e aeroportos, espaços de passagem, vão ganhando importância e centralidade, assim como as rodovias, por serem lugar de ligação e de fruição pontual para o carro, levando o autor a analisar a *desterritorialização*. Um conceito fundamental para compreender dois aspectos da midiatização pelo digital: a primeira é que ela permitiu a emergência, nos anos 1980, 1990 e 2000, da percepção espacial a partir de uma dualidade entre real x virtual.

Ao final dos anos 1980 Claude Raffestin (1996) contribuiu ao identificar um importante deslocamento para compreender a espacialidade a partir das relações microfísicas de poder. Inspirado em Foucault, o geógrafo franco-suíço formulou, na década de 1980, uma nova ideia de geografia política e assim evitou certas concepções

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação e Sociedade da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (PPGCom – FaC; UnB). E-mail luciopereiramello@gmail.com .

da geopolítica militaresca. Graças a Raffestin se abriu uma série de novos estudos sobre o território. Nesse contexto, o mapa, ferramenta por excelência da geografia moderna, até então considerada como espécie de fotografia da espacialidade, foi aos poucos sendo apontado como insuficiente para estudar as dinâmicas espaciais. O psicólogo da escola de Palo Alto, Alfred Korzybski, resumiu como a ideia de espaço moderno passava a ser questionada por meio da frase “o mapa não é o território” (1994).

Nesse contexto a noção de território, assume uma nova dimensão técnica e simbólica a partir da década de 1990, quando a informação passou a objetivar e racionalizar – via planejamento urbano, mas sobretudo pelo mercado imobiliário – os fluxos e as subjetivações flexíveis dos yuppies e do consumo, a fruição econômica e uma nova dinâmica de circulação de valores.

Para além da noção de interface, a captura do espaço e a sua crescente mediatização repercutiram, segundo Virilio, para outro aspecto que nos é central: a captura organizada e para fins de comércio por equipamentos técnicos. Embora tenha escrito em 1980, ele avaliou como a plataforma e a algoritmização do machine learning, ainda incipiente naquela época, se mostravam essenciais para a dinâmica social. Ele apontava, em meados da década de 1980 as possíveis consequências da algoritmização e do aprendizado maquínico na captura utilitarista das percepções e das sensações com processamento telemediado, ou seja, maquínicos:

A visão, a representatividade e a noção de sujeito, tão fundantes para a perspectiva da modernidade desde o *Quattrocento* é, desta forma, implodida e assume então esse caleidoscópio contemporâneo que é a subjetividade neoliberal plataformizada. Tal processo vai se refletir também nos processos de comunicação social, à medida que eles se materializam e estabelecem novas relações sociais em espaços, sobretudo nas cidades

A relação entre expansão das cidades e os equipamentos e protocolos de comunicação começa a ser pensada no campo da Comunicação Social. A materialização física das mídias está relacionada com as lógicas de produção nas quais as cidades, articuladas em rede, assumem importância fundamental.

Foi Milton Santos que, desde meados do século XX, identificou como as relações e atitudes humanas, sobretudo nas cidades, passaram a contar com uma nova racionalidade: a informacional. Desde os anos 1990, particularmente no campo da comunicação, os estudos de mídia têm incorporado conceitos da geografia – escala, centralidade, meio técnico, dimensão regional, entre outros. Ao mesmo tempo, a

geografia, em intercâmbio profícuo, tem se debruçado sobre temas até então restritos à comunicação social, como a importância das telecomunicações e da informática como constituinte da nova dimensão espacial, as consequências das redes de comunicação e da produção de significados, e a presença de símbolos e de relações culturais por meio de meios de comunicação analógicos, eletrônicos e digitais, ressignificando a noção de espacialidade.

O intuito é compreender os usos do território na acepção de Milton Santos, no que diz respeito à comunicação social e a seu papel constituinte para a formação do meio técnico científico informacional (Santos, 2008). Para empreender, ainda que de forma parcial, esse esforço iniciado em 1990, de aproximação entre comunicação e geografia, que invocamos em um conceito específico: o território usado.

Referências

AUGÉ, Marc. Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade. Campinas: Papirus. Trad. Maria Lúcia Pereira. pp.111. 1994

KORZYBSKI, Alfred. Science and sanity: An introduction to non-Aristotelian systems and general semantics. 5. ed. Englewood, N.J: International Non-Aristotelian Library, Institute of General Semantics, 1994. 825 p. ISBN 0937298018

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993

SANTOS, M. Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2008

VIRILIO, Paul. O Espaço Crítico e as Perspectivas do Tempo Real. 2 ed. Editora 34. Rio de Janeiro. 2014